



Escutei, muito quieta, a história. Parecia tão real para mim aquela mulher e aquelas formigas, como se as pudesse ver a qualquer momento. Tinha a impressão de que, se olhasse bem e fixamente um ponto, suas imagens surgiriam de repente, como quem aparece ao virar uma esquina. Num átimo, passado e presente se encontrariam. Um século entraria no outro e, simultaneamente, eu e essa mulher teríamos em nossas mãos a mesma formiga.

Ela a veria andando em seu corpo, como anda no meu. Não apenas uma, mas várias. É uma imagem que pinica a mente, difícil de esquecer. A pele repleta de formigas. Nós duas as olháramos sobre nossos corpos e lançáramos apenas um olhar, sem cometer nenhum gesto violento. Veríamos cada passo miúdo sobreviver aos nossos tropeços, admiradas de, neste mundo, ainda presenciar a delicadeza. Essa mulher, lá no século passado, e eu, neste.

Impressionada com a história e com toda a coincidência acerca das formigas, comecei a fazer mil perguntas sobre aquela mulher, que nasceu na metade do século XIX e viveu até os anos 30 do século XX, mas que, para mim, parecia mais real do que as pessoas à minha volta. Eu podia vê-la, enquanto os rostos ao meu redor se esfumaçavam no calor das perguntas. Sei que todos me olhavam, surpresos com a minha empolgação. Compreensível, pois até aquele momento eu tinha permanecido inerte como uma ameba. Confesso que não é qualquer coisa que me move. A imobilidade, a meu ver, sempre foi e será a mais segura das virtudes.

Alguém falou que aquele episódio não era nada, em relação às circunstâncias inusitadas da morte dessa mulher, e de todos os acontecimentos e feitos de sua vida. Quis logo saber desses feitos, desses acontecimentos, dessa vida. E também o que pode ter ocorrido de tão inusitado assim na morte de um ser



humano de oitenta anos. Geralmente, morrem como passarinhos, numa aceitação tranquila e absoluta. Todos riram, me considerando, certamente, uma pessoa esquisita. Achei a consideração irresistível e ri também, concordando com tudo. Para não deixar dúvidas, contei da minha preferência por bichos a pessoas. E acrescentei muito séria que para ter travado uma relação tão íntima com os insetos himenópteros da família dos formicídeos essa mulher só podia ter sido um ser humano muito especial. Portanto, eu precisava saber mais. Contaram que foi uma moça belíssima, a senhora de oitenta anos, e muito rica. Mais do que isso, que era dona do próprio nariz, em pleno século XIX. Aliás, não só do nariz, como de muitos terrenos, ações, aqui no Brasil e na França. É mesmo?, foi o meu comentário impressionado e altamente dispensável. É!, quem contou a história afirmou e, gostando do efeito provocado pelo seu relato, se inclinou um pouco, sussurrando, dona do próprio corpo também. Algumas pessoas logo se alvoroçaram, querendo saber como, quando, com quem? Oh, entristeci, imaginando que cairíamos numa bobeira romântica. Incrível como o ser humano se interessa por fofoca, mesmo que seja antiquíssima, como essa, que tem, pelo menos, dois séculos. Eu havia levado aquilo muito a sério, como poderia possuir o próprio corpo uma mulher de 1800? É uma triste história de amor, como todas as outras, lamentou a mesma pessoa de antes. Pronto, começou o chororô, pensei na minha indignação. Mas em vez de falar, a pessoa levantou o olhar para o céu, em melancolia. E depois de uma pausa, disse, parece que vai chover, quase num murmúrio. Ficamos todos estatelados. Era o próprio século XIX que desabava sobre nossas cabeças. Tossi, num impulso nostálgico. Os pulmões cheios de poesia e martírio. Ao meu lado, comentaram que havia um romance publicado sobre a vida dessa jovem, a senhora de oitenta anos, que também falava bastante desse caso de amor. É mesmo? Repeti a minha frase preferida e inútil. É um livro que vou ler, com certeza. Por causa da história de amor ou das formigas? Começaram com as piadinhas. Claro que é por causa das formigas, respondi, seriíssima. E as pessoas riram, não sei por quê. Foi uma vida fascinante, falaram, voltando ao assunto. Percebi que a maioria a conhecia, mesmo que superficialmente. Mas quem era essa mulher?, perguntei, enfim. E alguém logo respondeu: Eufrásia Teixeira Leite. Um nome que, até então, eu nunca tinha ouvido falar.



*Ó espíritos errantes sobre a terra! Ó velas enfunadas
sobre os mares!... Vós bem sabeis quanto sois efêmeros...
— passageiros que vos absorveis no espaço escuro,
ou no escuro esquecimento.*

Castro Alves

Eufrásia e sua irmã Francisca estavam de mãos dadas desde a noite anterior, quando foram chamadas às pressas para despedirem-se do pai. Joaquim Teixeira Leite falou a sós com as filhas até a última respiração. A morte o interrompeu no meio de uma frase, sem piedade nem misericórdia por um homem acostumado a colocar ponto final em tudo na vida. Durante muitos anos, Eufrásia não conseguiu abandonar a ideia de que o espírito de seu pai partira inconformado com a maneira reticente que deixara o mundo. Enquanto as mucamas rezavam e acendiam velas ao redor do morto, ela e Francisca sussurravam uma agonia impossível. Tentavam completar a frase interrompida, temendo que o esforço do pai em alcançar a última palavra se tornasse um suplício eterno. Mais tarde, depois de debaterem-se em pesadelos idênticos por toda a madrugada, na qual só se deitaram para dormir por insistência de tio Cristóvão, e de acordarem diversas vezes molhadas de suor, com a imagem paterna colada em suas retinas, concluíram afinal que só poderia ser algo relacionado à promessa que as duas lhe haviam feito há um ano, em torno do leito de morte de sua mãe, Ana Esméria.



Eufrásia nunca pôde esquecer a atmosfera estranha e silenciosa que invadiu a casa no último dia em que a viu com vida. Nunca esqueceu também que, na ocasião, achou que a estranheza e o silêncio eram porque ruminava um segredo. Não podia adivinhar que eram porque a sua mãe morria. Por muito tempo, se culpou por não ter decifrado os sinais da morte, por tê-los confundido com os do amor ruminado. As paredes guardavam sob a quietude uma explosão iminente, mas ela pensava que era a própria iminência dentro dela prestes a explodir. Por toda a casa, em vez da tranquilidade de sempre, havia uma tensão, como fio hirto no ar. Nos corredores, lugar feito para que tudo ande e passe, parecia que o próprio chão se arrastava. Na cozinha, o fogo pouco ardia as panelas. As chamas não se expandiam, retardando a fervura, como se temessem uma ebulição. Ana Esméria se aproximava do imenso fogão a lenha, tremendo de frio, para segundos depois se afastar, incomodada com o calor. Dava ordens sobre a arrumação da casa e o almoço com a mão apertada sobre o peito. Havia dez noites que acordava sobressaltada com a nítida visão do próprio corpo sendo velado. E nas dez vezes uma aparição dela mesma surgia do escuro e prostrava-se aborrecida ao lado do caixão. Com a voz autoritária, como poucas vezes na vida, ordenava ao seu corpo inerte que se levantasse imediatamente. Dizia a si mesma morta que não havia terminado o bordado da toalha de mesa, não experimentara a nova receita da compota de figo e ainda não casara as filhas, portanto não era hora para maluquices, havia muito que fazer.

Dez vezes ela repetiu a ordem, em vão. Na primeira noite de pesadelo, Ana Esméria agarrou-se ao terço e se ajoelhou, rezando com terror até a primeira luz da manhã. A partir da segunda noite, começou a dormir sentada na cama, achando que deitada era uma posição muito desprevenida, a mercê de qualquer sonho ruim. Depois, passou praticamente a não dormir. Mas a visão da morte a pegava mesmo sentada e de olhos abertos. Por fim, após a décima noite, não dormiu mais, nem acordou. Foi encontrada pelo marido, morta e sentada na cama, com o terço apertado nas mãos e os olhos abertos na direção do teto.

Nos últimos instantes de desespero, a reza saiu de sua boca entrecortada com os chamados por Joaquim, Francisca e Eufrásia. Mas, àquela altura,



Joaquim trabalhava no escritório, Chiquinha ainda dormia, e Eufrásia estava na Igreja Matriz, ardendo o próprio segredo. Ana Esméria ainda teve forças para resmungar que se dependesse de Joaquim e Francisca estava perdida, pois um não ouvia nada com um documento à frente e a outra tinha o sono dos surdos. A sua esperança era Eufrásia, que andava sempre com os pés na terra e a cabeça onde tinha que estar. Mas nem Eufrásia a ouviu. Ela esquecera que a filha havia dito que sairia cedo para uma missão da igreja nas vilas pobres da cidade. À Ana Esméria nada mais restou do que rezar seu medo e morrer aterrorizada com a visão de si mesma, sentada e morta, no teto branco do quarto.

